

ENTRE O SUSSURRO E O SILÊNCIO: o assédio e o abuso sexual no esporte.

Ketlin Ribeiro Ferreira

André Mendes Capraro

RESUMO

O assédio e o abuso sexual estão presentes no campo esportivo há anos. Agressores se aproveitam da superioridade de cargos e buscam por vítimas – a maioria, menor de idade – deslumbradas pelo sonho de se tornarem atletas profissionais. As consequências são, via de regra, irreversíveis para a saúde física e mental da pessoa violentada. Apesar do conhecimento da maioria dos atletas acerca desse tipo de crime, ainda se trata de algo velado. De modo geral, as pesquisas acerca do tema cresceram gradativamente, entretanto, considerando a relevância de estudar o assunto, ainda há lacunas a serem preenchidas, visto que, desde 1987 até 2019, foram encontradas somente 22 publicações. A fim de contribuir com os estudos acerca do tema, o presente trabalho objetiva, através da base de dados *Web of Science*, mapear o perfil das produções existentes sobre abuso e assédio sexual no esporte. Após a análise, foi possível identificar os principais autores, periódicos de publicações, quantidades de produções por ano, áreas do conhecimento predominantes e palavras-chave mais utilizadas.

Palavras-chave: Abuso sexual – Assédio sexual – Esporte.

ABSTRACT

Harassment and sexual abuse have been present on the sports field for years. Aggressors take advantage of the superiority of positions and look for victims - most of them minors - dazzled by the dream of becoming professional athletes. The consequences are, as a rule, irreversible for the physical and mental health of the violated person. Despite the knowledge of most athletes about this type of crime, it is still something veiled. In general, the research on the theme has grown gradually, however, considering the relevance of studying the subject, there are still gaps to be filled, since, from 1987 to 2019, only 22 publications were found. In order to contribute to the studies on the theme, this work aims, through the Web of Science database, to map the profile of existing productions on sexual abuse and harassment in sports. After the analysis, it was possible to identify the main authors, periodicals of publications, quantities of productions per year, predominant areas of knowledge and most used keywords.

Key-words: Sexual Harassment – Sexual abuse – Sport.

INTRODUÇÃO

O abuso¹ e o assédio² sexual de crianças e jovens no campo esportivo são problemas recorrentes e, como afirma o ex-jogador de futebol Alexandre Montrimas, ao periódico *El país* (2017), essas atitudes criminosas³ são de conhecimento da maioria dos atletas profissionais, mesmo que, algumas vezes, as vítimas não saibam discernir o que está acontecendo, fazendo com que a denúncia só venha à tona um tempo após o ocorrido. O ex-jogador ainda completa que um dos motivos para o silêncio das vítimas é o medo de que isso prejudique sua carreira.

A exemplo disso tem-se o caso emblemático de Larry Nassar, ex-médico americano, acusado por mais de 100 ginastas, de abuso sexual na década de 1990. Ele dizia às adolescentes que estava realizando procedimentos médicos e, naquela época, as atletas ainda crianças, apesar de sentirem-se desconfortáveis, acreditaram no criminoso e só tiveram consciência do que haviam passado quando a ocorrência veio a público (O GLOBO, 2017).

Após o escândalo da ginástica, algumas instituições esportivas formularam documentos a fim de prevenir os atletas dos perigos a que estão expostos. Uma delas foi a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que em 2017 criou um “Código de ética e conduta do futebol brasileiro”, cuja finalidade seria a de orientar os profissionais da área acerca de ações éticas envolvendo o futebol. Na seção II, parágrafo IV, diz que as pessoas descritas no artigo primeiro (profissionais diretamente ligados aos clubes), estarão sujeitas a sanções⁴ se “praticar assédio de qualquer natureza, inclusive moral ou sexual” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2017, p. 8).

No mesmo sentido, em 2018 o Ministério Público do Trabalho criou uma cartilha intitulada “Guia de orientações sobre assédio moral e sexual nos esportes” com o intuito de inibir práticas criminosas, garantido a segurança dos atletas. A

¹ De acordo com o Artigo 4º, III, “a”, da Lei 13.431/2017, “[...] toda ação que se utiliza da criança ou do adolescente para fins sexuais, seja conjunção carnal ou outro ato libidinoso, realizado de modo presencial ou por meio eletrônico, para estimulação sexual do agente ou de terceiro”.

² De acordo com o Artigo 216-A, da Lei 10.224/2001 “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”

³ De acordo com o Artigo 217-A, da Lei 2.848/1940 é considerado crime “[...] ter conjunção carnal ou praticar ato libidinoso com menor de 14 (catorze) anos”.

⁴ As punições podem ser cumulativas ou não, das seguintes sanções: (i) Advertência, reservada ou pública; (ii) Multa, de até R\$ 500.000,00 (quinhentos mil Reais); (iii) Prestação de trabalho comunitário; (iv) Demissão por justa causa; (v) Suspensão, por até 10 anos; (vi) Proibição de acesso aos estádios, por até 10 anos; (vii) Proibição de participar de qualquer atividade relacionada ao futebol, por até 10 anos; (viii) Banimento.

cartilha conta com orientações acerca das atitudes e a quem recorrer caso o atleta passe por esta situação, reforçando a importância da denúncia por parte das vítimas para o combate de tais crimes.

O assédio, se não discutido e problematizado, pode evoluir para o abuso sexual, trazendo traumas irreparáveis, medos e inseguranças para a vida da criança e do jovem. Portanto, inicialmente a pesquisa buscou, através dos procedimentos da História Oral, entrevistar atletas e ex-atletas que já vivenciaram, durante sua carreira, situações de assédio ou abuso sexual.

Após diversas tentativas de contato sem sucesso, é possível afirmar que, algumas situações ocorrem de maneira velada, visto que, como dito anteriormente, a maioria dos atletas tem conhecimento de tais fatos, porém, há um silêncio permeando sobre esse submundo existente no esporte. O presente artigo, portanto, tem o objetivo de, através da base de dados *Web Of Science*, mapear o perfil das produções científicas acerca do abuso e do assédio sexual no esporte. Sendo possível, ao final, identificar o que se tem produzido ainda se faz necessário estudar acerca do presente tema.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como fonte de pesquisa, a base de dados escolhida foi *Web of Science* (WoS) pela boa cobertura temporal (a partir de 1900) e por se tratar de uma base multidisciplinar pois contém o *Science Citation Index*, o *Social Sciences Citation Index* e o *Arts & Humanities Citation Index* (COSTA et al., 2012).

A WoS foi projetada desde início como uma base de dados de citação (índice de citações). Permite, além da pesquisa habitual por ocorrência de palavras no registo, também a pesquisa de artigos relacionados e o estabelecimento de ligações entre artigos que citam outros ou são citados por outros. (COSTA et al., 2012, p. 5).

Para a execução da pesquisa, realizou-se uma busca combinada com os descritores “*sexual abuse*” OU “*sexual harassment*” E “*sport*”, sendo que um dos dois primeiros termos citados deveria estar presente juntamente ao termo *sport* em seu título, resumo ou palavra-chave, porém, obteve-se o resultado de mais de 15 mil publicações, onde, após uma leitura breve dos títulos, verificou-se tais artigos fugiam da temática abordada aqui.

Portanto, delimitou-se que tais descritores deveriam estar presentes no título das publicações. Além disso, utilizou-se um filtro que buscasse somente artigos científicos, totalizando 22 documentos. Como não se tratava de um número elevado de publicações, utilizou-se todos os textos que emergiram da primeira busca, não delimitando um recorte temporal.

A primeira publicação sobre abuso e/ou assédio no esporte ocorreu em 1987; a partir de então foram 16 anos sem textos sobre a temática, sendo catalogadas novas publicações somente em 2009. É válido lembrar que, o *WoS* só cadastra artigos que contenham a língua inglesa no título, resumo e palavra-chave, restringindo-se de outros idiomas. Portanto, os 22 textos encontrados estão na língua inglesa.

A partir dos procedimentos detalhados acima, foram analisadas as seguintes variáveis: frequência da produção científica por ano; autores que mais publicaram sobre o tema; distribuição por áreas do conhecimento definidas pelo *WoS*; revistas científicas que mais publicaram sobre o tema e palavras-chave mais utilizadas.

DISCUSSÃO

Durante as buscas por publicações para sustentar a pesquisa, notou-se que são poucos estudos acerca do tema, uma das explicações se dá pelo fato do desconforto da sociedade em acreditar que as instituições confiáveis e de referência são palco de tais acontecimentos, assemelhando-se muito aos mesmos casos descobertos na igreja (PARENT; BANON, 2011).

A prevalência de casos de assédio e de abuso sexual se dá, em sua maioria, em esportes coletivos e que possuem especialização precoce. Já os criminosos são aqueles que estão em posição de poder, como treinadores do sexo masculino, que trabalham diretamente com o atleta (MARKS et al., 2011).

Em um relato citado no artigo de Moiola et al. (2014), o jovem entrevistado conta que um de seus colegas de time foi abusado por alguém de cargo superior na equipe e que um tempo depois esse colega “se deu bem”. Portanto, é possível afirmar que, o “[...] contexto esportivo demonstra como a constituição desses crimes é oportunizada pela posição desses indivíduos, que se aproveitam da representatividade do futebol para agir de acordo com sua convencionalidade” (CAVALCANTI, 2017, p.100).

O Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA), revela que a abordagem não acontece de uma hora para outra. O assediador tenta primeiro conquistar a sua vítima através de ‘presentes’ (itens esportivos, dinheiro, até mesmo comida). Algumas vezes o agressor promete até contatos com grandes clubes e então passa à etapa seguinte: a interação sexual abusiva, que inclui toques e exposições dos órgãos genitais até chegar ao ato sexual de fato (CEDECA, 2014).

Em boa parte dos casos divulgados, as crianças e jovens assediados não moram com os pais, vivendo nas dependências do clube. Como na rede de exploração sexual descoberta no *Club Atlético Independiente*, que por meio do relato de um jovem atleta ao psicólogo do clube, descobriram que as vítimas eram obrigadas a manter relações sexuais com adultos em troca de promessas na carreira ou bens materiais. Entre os agressores envolvidos, estava o então árbitro Martín Bustos, que organizava torneios para os jovens. Após a primeira denúncia, outros atletas também se manifestaram, alegando também serem vítimas. (*EL PAÍS*, 2018).

Além disso, Segundo Margo Mountjoy (2019) muitas(os) atletas deixam de realizar a denúncia devido a três fatores dominantes: 1) a relação de poder entre o agressor e o atleta; 2) uma cultura esportiva de sigilo, a qual é arraigado pela omissão da voz do atleta; 3) a falha de liderança no esporte, pois a vítima não tem a quem recorrer, ficando muito vulneráveis. O CEDECA ainda completa que...

[...] para o jovem atleta, por exemplo, ser reconhecido como vítima de abuso pode colocar em xeque a sua própria sexualidade. Além disso, muitos temem a reação dos pais e a possibilidade de perder a sua “grande chance” de ser jogador de futebol. (CEDECA et al., 2014, p. 46).

Acredita-se, portanto, que o número real de casos seja muito maior do que se conhece de fato, pois de acordo com Marks et al (2011), após o abuso, o criminoso garante sigilo assegurando consequências ao atleta, que acaba ficando coagido, adotando assim, um código de silêncio. Em um artigo escrito por Margo Mountjoy, atletas abusadas pelo Dr. Nassar revelaram que o ocorrido mudou suas trajetórias de vida, pois, em geral, passaram a sentir dores físicas e psicológicas irreparáveis. Inclusive Chelsey Markham, uma das vítimas desse criminoso, suicidou-se no ano de 2009 e a sua mãe afirma que tudo começou depois da jovem ter sido molestada (MOUNTJOY, 2019).

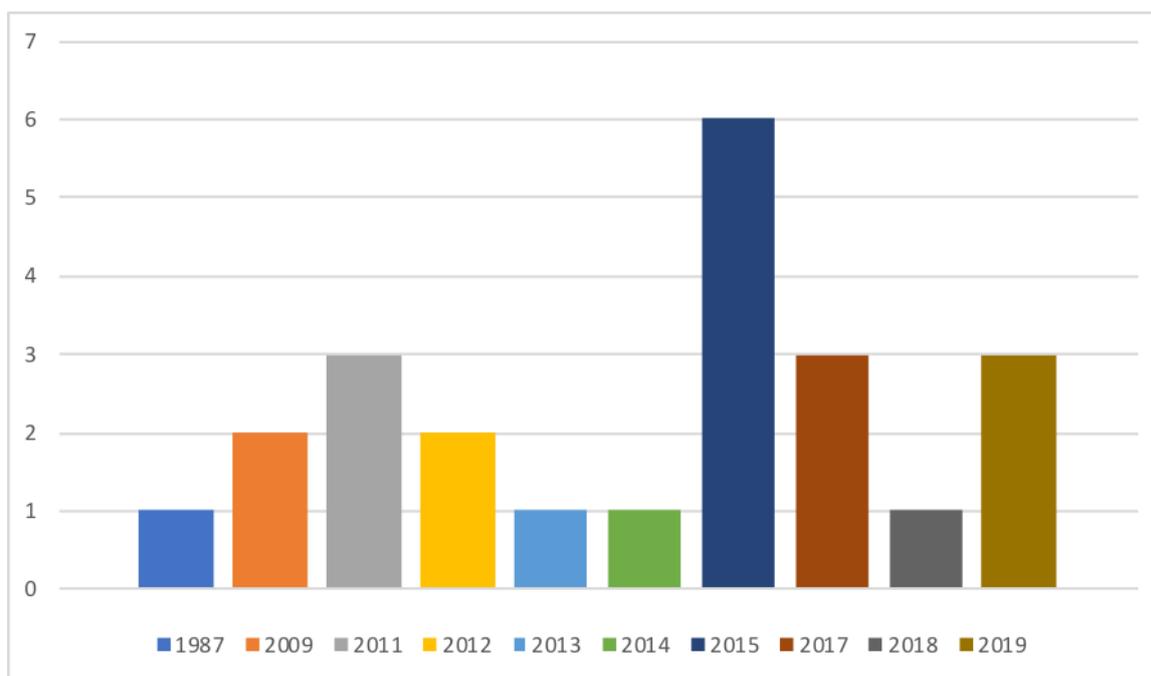
No futebol brasileiro o ex-jogador Alexandre Montrimas, após uma longa carreira atuando por alguns clubes nacionais e da Europa, decidiu revelar o que acontecia dentro das categorias de base de alguns clubes pelos quais passou. Montrimas escreveu um livro relatando as principais dificuldades enfrentadas pelos jovens que abandonam tudo em busca de se tornar atleta profissional de futebol. No livro, com tom autobiográfico, o autor relata que, infelizmente, esse tipo de crime é muito presente no mundo do futebol e que os agressores sempre estão rondando os alojamentos dos clubes em busca de suas vítimas e os meios de atração são sempre os mesmos: presentes, dinheiro ou oportunidade (MONTRIMAS; JOYNUCCI, 2014).

Em Curitiba, Everton Cavalcanti em sua tese de doutorado, realizou uma pesquisa na qual um dos objetivos era, através de relatos orais de atletas e ex-atletas de futebol, compreender questões desconhecidas as quais os praticantes estavam expostos. Durante o relato de um de seus entrevistados, que foi assediado pelo dirigente do clube em que estava atuando, é possível perceber que “[...] o futebol não é permeado somente pela meritocracia técnica, mas por essas transgressões pouco desveladas por aqueles que deveriam fiscalizar essas ações” (CAVALCANTI, 2017, p. 99).

RESULTADOS

Após encontrar 22 artigos sobre assédio e abuso no esporte, é possível através gráfico um, notar o crescimento gradativo das publicações...

GRÁFICO 1 – FREQUÊNCIA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA POR ANO SOBRE ABUSO E ASSÉDIO SEXUAL NO ESPORTE.



Fonte: os autores (2019).

Como é possível observar no gráfico acima, a primeira pesquisa acerca do tema, ocorreu no ano de 1987, trata sobre a gravidez na adolescência e o abuso sexual infantil, o esporte aparece como uma das formas de prevenção. A segunda publicação ocorreu somente doze anos depois, em 2009, abordando o abuso sexual de meninos no campo esportivo.

As pesquisas acadêmicas, de maneira geral, começaram a crescer a partir de 2010 (CAPES, 2018). Tal fato fica evidente no gráfico um, onde a partir de 2011, exceto em 2016, publicou-se anualmente sobre a temática. Além disso, é possível perceber que mais da metade das publicações ocorreram a partir do ano de 2015, onde, possivelmente com o crescimento das mídias sociais, passou-se a divulgar mais casos de tais crimes no campo esportivo.

No ano de 2017 houve três artigos na área publicados, logo, é possível que esteja associado ao vir à tona o caso emblemático de Larry Nassar. Foi identificado também, as autoras que mais contribuíram para as pesquisas na área, como mostra a tabela um:

TABELA 1 – PRINCIPAIS AUTORES DAS PUBLICAÇÕES SOBRE ABUSO E ASSÉDIO NO ESPORTE.

AUTOR	NÚMERO DE PUBLICAÇÕES	PAÍS	UNIVERSIDADE VINCULADA
Kari Fasting	4	Noruega	Norwegian School

			of Sport Sciences.
Sylvie Parent	3	Canadá	l'Université du Québec à Trois-Rivières.
Stiliani Chroni	2	Noruega	Inland Norway University of Applied Sciences
Nada Knorre	2	República Checa	Charles University in Prague
Margo Mountjoy	2	Canadá	McMaster University

Fonte: Os autores (2019).

Observa-se, interpretando a tabela um, que as mulheres são quem mais estudam sobre o assédio e abuso sexual no esporte. Dentre 47 autores contidos nas 22 publicações encontradas no WoS, apenas as cinco citadas acima realizaram mais de uma publicação sobre o tema. Somente seis das vinte e duas publicações tiveram um único autor, as outras 16 foram em parceria. Portanto, é comum ver o cruzamento de autores em pesquisas acerca do tema.

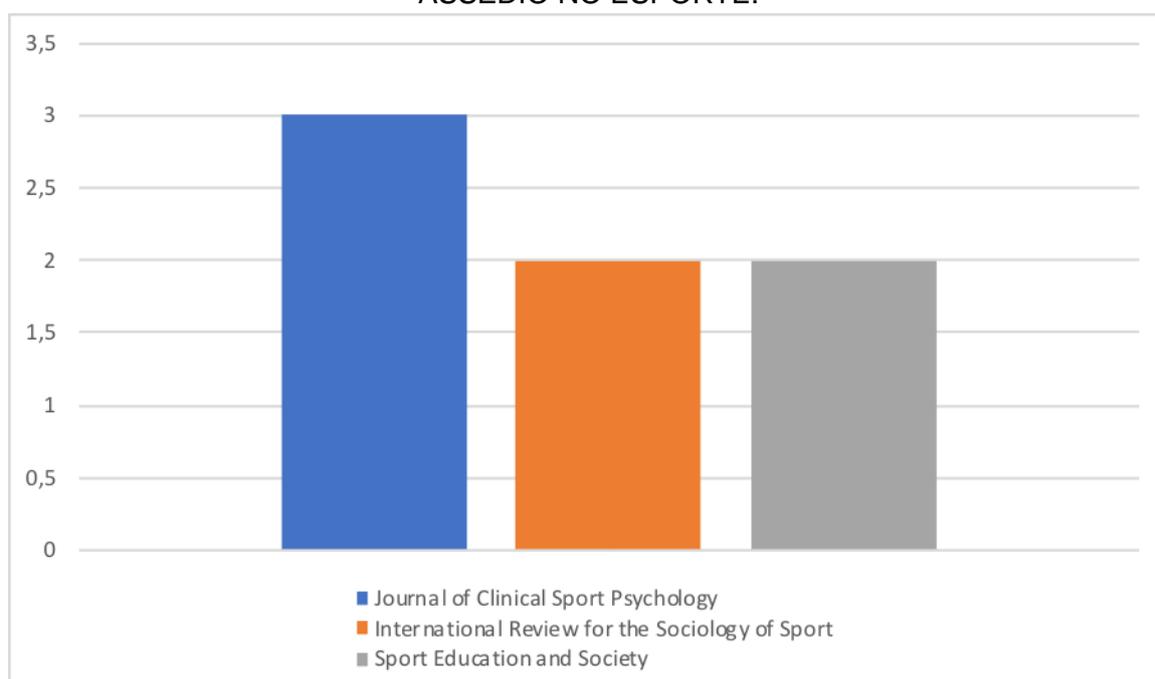
Das cinco mulheres expostas na tabela um, somente duas escreveram de forma individual, Kari Fasting e Sylvie Parent. As restantes, publicaram em parceria com outros autores. As duas pesquisas realizadas por Stiliani Chroni e Nada Knorre foram em conjunto com Kari Fasting nos anos de 2011 e 2014. Após as duas parcerias, Fasting realizou seu primeiro artigo individual, no ano de 2015.

Sylvie Parent em seu primeiro estudo sobre o tema, intitulado “*Disclosure of Sexual Abuse in Sport Organizations: A Case Study*”, publicado no ano de 2011, foi a única autora, porém, em suas duas publicações ela teve parcerias. Margo Mountjoy escreveu, junto a outros pesquisadores, no ano de 2015 e 2011, os artigos “*Sexual harassment and abuse in sport: the role of the team doctor*” e “*Protocol Design for Large-Scale Cross-Sectional Studies of Sexual Abuse and Associated Factors in Individual Sports: Feasibility Study in Swedish Athletics*”.

Em 2019 Mountjoy publicou um texto acerca do ocorrido de Larry Nassar, intitulado como “*Only by speaking out can we create lasting change: what can we learn from the Dr Larry Nassar tragedy?*” porém, essa pesquisa não apareceu na busca realizada no WoS, pois não continha os descritores aqui utilizados em seu título.

Mountjoy e Parent foram as únicas das 5 que não publicaram em conjunto com as autoras citadas na referida tabela. Apesar de nenhuma delas estar vinculada a mesma universidade, Knorre, Chroni e Fasting trabalham juntas no comitê executivo da *Woman Sport International*⁵. Nesse sentido, observa-se a seguir que as revistas que mais possuem artigos sobre a temática, tem publicações dessas autoras, como vemos no gráfico dois:

GRÁFICO 2 – REVISTAS QUE MAIS POSSUEM PUBLICAÇÕES SOBRE ABUSO E ASSÉDIO NO ESPORTE.



Fonte: Os autores (2019).

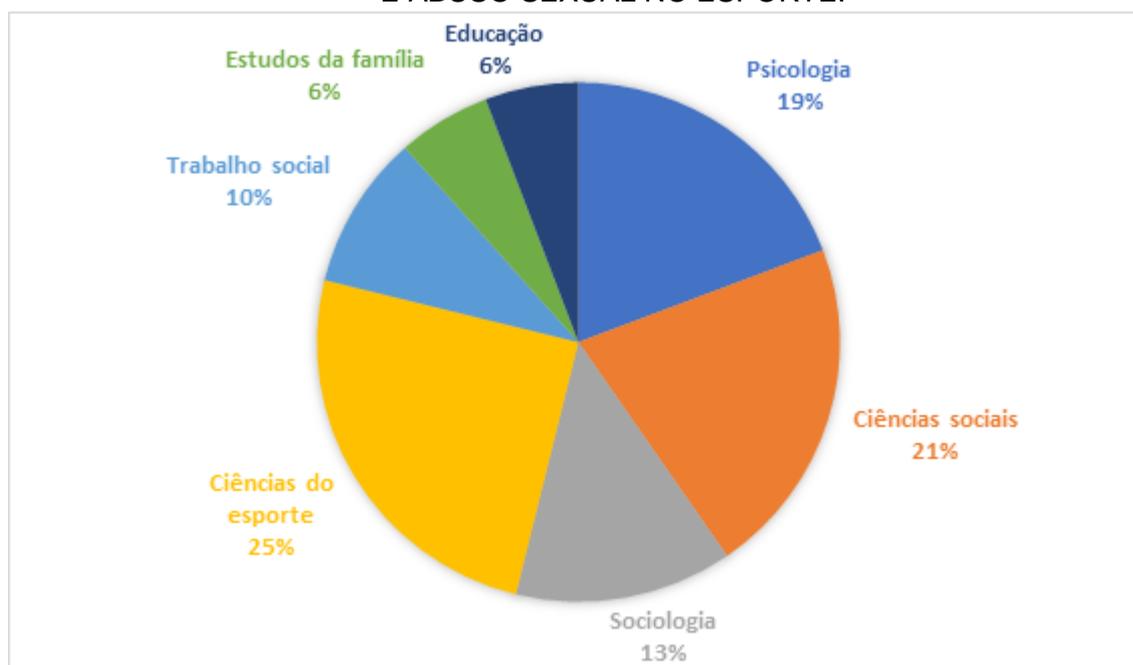
As três revistas citadas acima são as únicas que possuem mais de uma publicação sobre o tema. O periódico *Journal of Clinical Sport Psychology*, teve suas duas publicações no ano de 2019. Tal periódico objetiva, por meio das pesquisas publicadas, realizar recomendações práticas a técnicos e praticantes de quaisquer exercícios físicos que buscam desempenho, saúde e bem-estar mental, a fim de promover discussões acerca de saúde mental e psicologia esportiva. É um indício, portanto, de que a condição psicológica é um fator preponderante tratando-se da temática aqui abordada.

⁵ Trata-se de um grupo internacional que fornece apoio e promove mudanças positivas a fim de aumentar e/ou melhorar as experiências de meninas e mulheres no esporte.

Os dois artigos da *International Review for the Sociology of Sport* foram escritos por Kari Fasting, sendo uma delas a sua publicação individual e outra aquela em conjunto com Knorre e Chroni, citadas no gráfico dois. O periódico não se restringe a nenhuma perspectiva teórica ou metodológica, reunindo contribuições de diversas áreas de conhecimento.

Além disso, a outra parceria feita pelas três autoras foi publicada na terceira revista exposta acima sobre o tema, a *Sport Education and Society*. A revista tem o seu foco em pesquisas de ciências sociais de pedagogia, política e corpo na sociedade, abordando temas diversos associados à saúde, à atividade física e aos esportes. Além disso, buscou-se as áreas do conhecimento que mais publicaram sobre abuso e assédio no esporte, como mostra o gráfico a seguir:

GRÁFICO 3 – ÁREAS DO CONHECIMENTO QUE MAIS PUBLICARAM SOBRE ASSÉDIO E ABUSO SEXUAL NO ESPORTE.

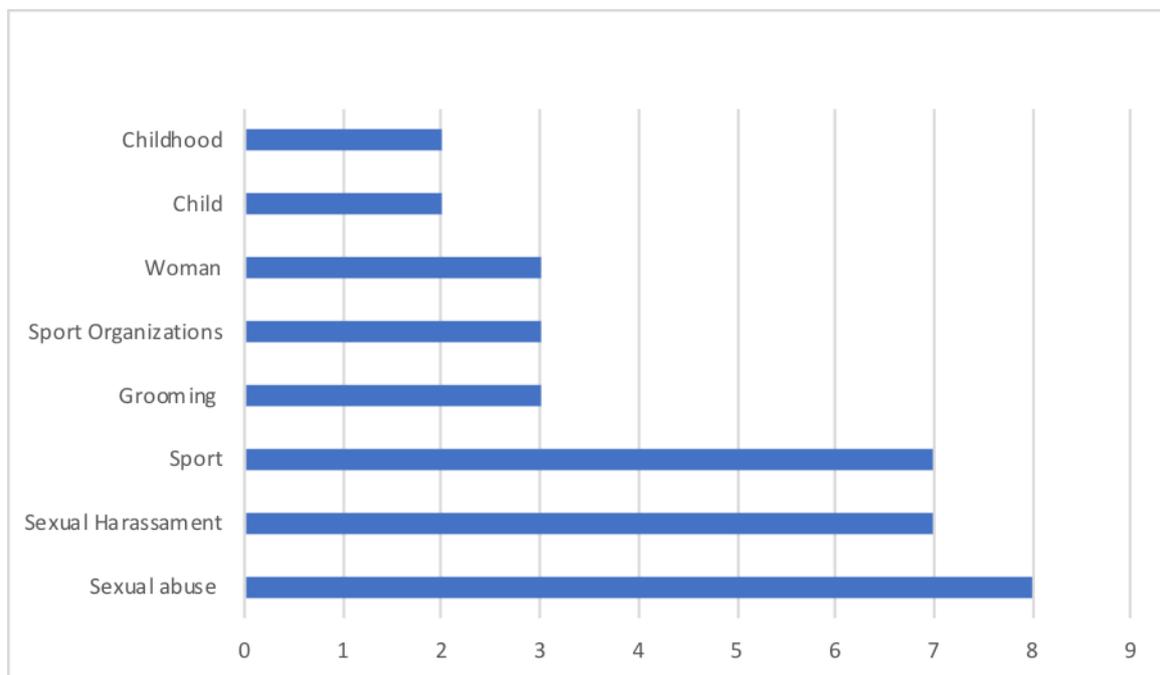


Fonte: Os autores (2019).

Os dados expostos acima, são fornecidas pelo WoS, onde algumas pesquisas são categorizadas com mais de uma área do conhecimento e todas foram contabilizadas no gráfico três. Além disso, outras áreas como antropologia, negócios, comunicação, estudos feministas, governo e saúde pública, ambiental e ocupacional também apareceram, porém, foram citadas somente uma vez.

Observa-se que as ciências do esporte e ciências sociais possuem certa predominância nos estudos sobre o tema. Entende-se que a primeira área é mais específica da Educação Física, enquanto a outra é mais abrangente. O fato de um dos descritores necessários para englobar a publicação na pesquisa presente ter sido “*sport*”, pode ser o elemento responsável pelo domínio das ciências do esporte. Nesse sentido, identificou-se as palavras-chave mais utilizadas nos artigos, como mostra o gráfico quatro:

GRÁFICO 4 – PALAVRAS-CHAVE MAIS UTILIZADAS PELOS AUTORES.



Fonte: Os autores (2019).

Como é possível observar no gráfico acima, os três termos que mais apareceram foram utilizados como descritores na pesquisa no *WoS*, na maioria das vezes o artigo possuía somente uma delas como palavra-chave. Abuso sexual apareceu em oito artigos como palavra-chave, seguido de assédio sexual que apareceu sete vezes. Além disso, algumas vezes, tais termos apareceram associados a outras palavras, como criança, violência, exploração e agressão.

Em sete publicações “esporte” aparece sozinho nas palavras-chave, porém, na maioria das vezes, está junto a outras palavras, como mostra o gráfico quatro, em que três publicações contam com o descritor “organização esportiva”. As outras

palavras que aparecem junto a *esporte* são: sociedade, mulheres, gestão, epidemiologia, profissional e para desenvolvimento.

Como observado do gráfico quatro, “criança” e “mulher” aparecem em três pesquisas, “infância” em duas, possivelmente por se tratarem das principais vítimas dos agressores no campo esportivo. Além disso, faz-se muito presente o uso da palavra “aliciamento”, visto que, como dito anteriormente, o agressor tenta seduzir a vítima oferecendo presentes e/ou promessas de crescimento no meio esportivo.

Uma das palavras-chave que chamou a atenção, mesmo que tenha aparecido somente uma vez, foi “cultura do silêncio”, pois, apesar de serem frequentes os casos de assédio e abuso sexual no esporte, é possível perceber que são mantidos em silêncio. Faz sentido, pois, de acordo com Polak (1989), a partir de uma lembrança traumatizante, as vítimas a fim de evitar qualquer mal-entendido, preferem se abster de falar sobre o assunto. Portanto, é uma forma de lidar com a angústia do medo de ser punido pelo que diz optando pela consequência de se manter em silêncio sobre o assunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a busca realizada no *Web of Science* e a análise das 22 publicações encontradas, percebeu-se que, apesar de ter aumentado, ainda há escassez de estudos acerca do abuso e do assédio sexual no campo esportivo. A primeira publicação ocorreu em 1987, voltando a aparecer somente em 2009. A carência de pesquisas durante esses 16 anos, possivelmente se dê devido aos aspectos históricos, onde legalmente o abuso e o assédio sexual ainda não eram considerados crimes. Nos últimos anos, houve aumento no número de publicações possivelmente por tratar-se de um tema emergente e que devido ao crescimento das mídias sociais, realizar a denúncia tornou-se um processo mais simples, visto que, uma única publicação é capaz de viralizar o caso.

O cruzamento entre autores é muito comum na área, considerando que, somente 6 das 22 publicações são autoria única. Inclusive, a pesquisadora que mais publicou sobre a temática, Kari Fasting, possui quatro artigos, sendo três deles em conjunto com outros pesquisadores. Vale-se aqui dizer que, as cinco pessoas que mais pesquisam sobre o assunto são mulheres, sendo elas Fasting, Silvye Parent, Stilian Chrone, Nada Knore e Margo Montjoy, com um olhar sensível tanto para o

abuso e o assédio de atletas mulheres, quanto para os meninos abusados por técnicos e dirigentes, como Parent, em seu artigo “*Sexual abuse in sport: What about boys?*”.

Identificou-se também que o *Journal of Clinical Sport Psychology* é a revista que mais apresenta artigos científicos sobre o tema: as três publicações realizadas foram em 2019, aumentando a expectativa quanto a esse periódico nos estudos acerca de tais crimes. Vale destacar também que as ciências do esporte e as ciências sociais foram detectadas como as principais áreas de estudo da temática. Por fim, é possível afirmar a relevância que o tema possui, visto que, trata-se de algo recorrente e que necessita ser estudado e divulgado para que haja consciência e que sejam tomadas as devidas providências em relação a esse submundo existente no campo esportivo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto - Lei nº 10.224/2001, de 15 de maio de 2001. **Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para dispor sobre o crime de assédio sexual e dá outras providências.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/LEIS_2001/L10224.htm> Acesso em: 07.ago.2019.

BRASIL. Decreto – Lei nº 2.848/1940, de 07 de agosto de 2009. **Altera o Título VI da Parte Especial do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, que dispõe sobre os crimes hediondos, nos termos do inciso XLIII do art. 5º da Constituição Federal e revoga a Lei nº 2.252, de 1º de julho de 1954, que trata de corrupção de menores.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12015.htm> Acesso em: 07.ago.2019.

BRASIL. Decreto – Lei nº 13.431/2017, de 04 de abril de 2017. **Estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente).** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13431.htm> Acesso em: 07.ago.2019.

CAPES. **Produção da Pós-Graduação: um panorama geral da produção científica do último quadriênio**. GEOCAPES. 11 de Julho de 2018. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/seminario-avaliacao-producao/apresentacoes/2018-08-21_Seminario-Repensando-a-Avaliacao_AndreBrasil_CAPES.pdf>. Acesso em: 16.dez.2019.

CAVALCANTI, E., “**NEM TUDO QUE RELUZ É OURO**”: **HISTÓRIAS DE JOGADORES DE FUTEBOL**. 2017. 288 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas, Curitiba, 2017.

CEDECA; UNICEF; SECOPA; **A infância entra em campo: Riscos e Oportunidades para Crianças e Adolescentes no Futebol**. Salvador, 2014.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Código de ética e conduta do futebol brasileiro**. 2017.

COSTA, T.; LOPES, S.; FERNÁNDEZ-LLIMÓS, F.; AMANTE, M.; LOPES, P. Bibliometria e a Avaliação da Produção Científica: indicadores e ferramentas. In: **Congresso Nacional de Bibliotecários, arquivistas e documentalistas**, 2012, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012.

EL PAÍS. Escândalo de abuso sexual de jogadores assombra o Independiente. Buenos Aires. 23 de março de 2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/deportes/1521824021_047447.html>. Acesso em: 20.set.2019.

EL PAÍS. “Muitos jogadores de futebol consagrados já foram vítimas de abuso sexual”. 28 de setembro de 2017. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/27/deportes/1506468596_517639.html>. Acesso em: 16.dez.2019.

MAKRS, Saul et al. Sexual harassment and abuse in sport: the role of the team doctor. **British Journal of Sports Medicine**, 2011.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO. **Guia de Orientações sobre assédio moral e sexual nos esportes**. 2018.

MOIOLI, A.; MACHADO, A.; ZANETTI, M.; CAMPBELL, D.. Soccer and homosexuality: The conflicts that lie within the affective game of the coach-

adolescent athlete relationship. **Motriz**, Rio Claro, v.20 n.4, p. 346-358, Oct./Dec. 2014.

MONTJOY, M. 'Only by speaking out can we create lasting change': what can we learn from the Dr Larry Nassar tragedy?. **British Journal Sports Medicine**. Vol 53; Nº 1. Janeiro, 2019.

MONTRIMAS, A.; JOVANUCCI, E. **Futebol: Sonho ou Ilusão?: A Verdadeira Realidade do Futebol Brasileiro Contada Por Um Goleiro Profissional**. São Paulo: eBook Kindle, 16 set 2017.

O GLOBO, Ex-ginastas medalhistas dos EUA acusam médico de abuso sexual. São Paulo, 20 de fevereiro de 2017. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/esportes/ex-ginastas-medalhistas-dos-eua-acusam-medico-de-abusosexual-20951857>>. Acesso em: 20.set.2019

PARENT, Sylvie; DEMERS, Guylaine. Sexual Abuse in Sport: A Model to Prevent and Protect Athletes. **Child Abuse Review**, v. 20, 2011.

POLLAK, M.. Memória, esquecimento e silêncio. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, nº. 3, Rio de Janeiro, 1989.